

Sujeito, identidades e as redes sociais virtuais

Sujeto, identidades y redes sociales virtuales

Subject, Identities, and Virtual Social Network

Antonio Bernardes

antoniobernardes@id.uff.br

Programa de Pós-graduação em Geografia – Universidade Federal Fluminense - UFF/ESR

Fernanda de Faria Viana Nogueira

ffviana@id.uff.br

Programa de Pós-graduação em Geografia – Universidade Federal Fluminense - UFF/ESR

Thais Dias de Souza

thaisdiassouza@hotmail.com

Graduanda em Geografia - Universidade Federal Fluminense - UFF/ESR

Resumo: Partimos de algumas concepções acerca do que é o sujeito em diferentes períodos da história e como eles desenvolvem suas respectivas identidades para destacar aquelas denominadas híbridas ou de pós-modernas. Ressaltamos as dinâmicas das relações mediadas eletronicamente, em especial, as redes sociais virtuais e como elas podem indicar o sujeito e suas identidades híbridas, assim como o lugar como *locus* sintético e particular das dinâmicas sociais e culturais de diferentes escalas geográficas. A teoria dos rizomas emerge na discussão como um instrumental para interpretação da forma como os sujeitos se relacionam e como os lugares são desenvolvidos, pressupondo múltiplas territorialidades. Apresentamos três interpretações das dinâmicas socioculturais: dos homossexuais (Presidente Prudente, SP); a partir do movimento *hip-hop* (Macaé e Campos dos Goytacazes, RJ); de grupos juvenis atentos a socialização, diversão noturna e consumo (Campos dos Goytacazes, RJ).

Palavras chave: sujeito, identidades, lugar, redes sociais virtuais, múltiplas territorialidades.

Resumen: Través de la discusión do concepto de sujeto en diferentes períodos de la historia y cómo él desarrolla sus respectivas identidades, hemos destacado aquellas identidades denominadas de híbridas o post-modernas. Por medio de las dinámicas de las relaciones mediadas electrónicamente, en especial, las redes sociales virtuales, hemos discutido como ellas pueden indicar el sujeto y sus identidades híbridas, así como, él lugar como *locus* sintético y particular de las dinámicas sociales y culturales de diferentes escalas geográficas. La teoría de los rizomas emerge en la discusión como un instrumental para interpretar la forma como los sujetos relacionanse y cómo los lugares desarrollanse, presuponiendo múltiples territorialidades. Utilizamos tres interpretaciones de las dinámicas socioculturales: de los homosexuales (Presidente Prudente, SP); por medio del movimiento hip-hop (Macaé y de Campos dos

Goytacazes, RJ); de grupos juvenis atentos a la socialización, diversión nocturna y consumo (Campos dos Goytacazes, RJ).

Palabras clave: sujeto, identidades, lugar, redes sociales virtuales, múltiples territorialidades.

Abstract: We started from some conceptions about what the subject is in different periods of History and how they develop their respective identities to highlight those denominated as Postmodern. We emphasized the dynamics of electronically mediated relations, especially virtual social network and how they can indicate the subject and their hybrid identities and the place as a synthetic and singular locus of social and cultural dynamics of different geographic scales. The rhizome theory emerges in the discussion as an instrument for interpreting the way subjects relate and how places are developed, assuming multiple territorialities. We used three interpretation of the socio-cultural dynamics: of homosexuals (Presidente Prudente, SP); the hip-hop movement (Macaé and Campos dos Goytacazes, RJ); of youth groups tending towards to the socialization, nightlife and consumption (Campos dos Goytacazes RJ).

Key words: subject, identities, place, virtual social network, multiple territorialities.

INTRODUÇÃO

Partimos para o desenvolvimento desta discussão de algumas concepções acerca do que é o sujeito em diferentes períodos da história e como se desenvolvem suas respectivas identidades. Abordamos o sujeito como fora abordado pelo Iluminismo, o denominado sujeito sociológico e, por fim, o sujeito pós-moderno, como proposto por Hall (2005). A cada uma dessas concepções corresponde um tipo de identidade desenvolvida num contexto específico de mundo que o caracteriza e que é por ele caracterizado, pressupondo diferentes ‘lugaridades’. Há destaque para o sujeito e a identidade pós-moderna como aquela em que a multiplicidade é uma de suas características, levando Hall (2005) afirmar que se tratam de sujeitos com identidades híbridas. A partir dessa discussão, se salienta as dinâmicas das relações mediadas eletronicamente como um fenômeno característico da contemporaneidade, em especial, as redes sociais virtuais, e como elas podem indicar o sujeito e suas identidades híbridas e o lugar como *locus* sintético e singular das dinâmicas sociais e culturais de diferentes escalas geográficas (MASSEY, 2000).

A teoria dos rizomas (DELEUZE; GUATARI, 2000) emerge na discussão como um instrumental para interpretação da forma como os sujeitos se relacionam e como os lugares são desenvolvidos, pressupondo múltiplas territorialidades (HAESBAERT, 2007). Esta, é tratada a partir de três estudos de caso, realizados a partir da interpretação das dinâmicas socioculturais dos homossexuais na cidade de Presidente Prudente-SP; outro a partir do movimento *hip-hop* em Macaé-RJ e Campos dos Goytacazes-RJ; e por fim, de grupos juvenis atentos a socialização, diversão noturna e consumo na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ. Porque um mesmo lugar apropriado e territorializado pelos sujeitos de determinado grupo pode também nos denotar outras territorialidades desenvolvidas

por outros agentes sociais, com relações de poder em diversas escalas, variando entre as simbólicas até as econômicas e políticas.

SUJEITO E IDENTIDADE

Não é incomum encontrarmos abordagens em que o conceito de sujeito esteja relacionado a sujeição, como se o homem a quem se refere o conceito se tratasse de uma tábula rasa em que é possível atribuir e definir suas ações, sejam essas por outros homens ou pela própria ação inerente aos objetos. Contudo, reiteramos a concepção clássica de sujeito, que o vincula a ação, que procede da Filosofia Antiga, ao menos desde Platão e Aristóteles (ABBAGNANO, 1970). Nesse sentido, segundo Lindón (2009, p.7):

Nas últimas três décadas, a Sociologia e Ciências Sociais em geral, têm voltado cada vez mais o seu olhar para o ator, o agente, o indivíduo, o sujeito e subjetividade [...] Em todos os casos, esta mudança levou ao reconhecimento de que a sociedade é produzida e / ou constantemente reproduzida pelos sujeitos. Neste devir, o conceito de sujeito social reconhece uma ligação direta com a ação.

Com isso, podemos afirmar que a relação entre o sujeito e a ação é tão forte quando o seu significado gramatical: quem executa a ação ou de quem se fala. Levando isso em conta, Hall (2005) aborda três diferentes tipos de sujeitos e suas respectivas identidades, para os diferentes períodos da história, sendo:

1- o sujeito iluminista: baseado numa concepção de um indivíduo totalmente centrado, monolítico e racional. Sua identidade emerge pela primeira vez quando ele nasce e é contínua e idêntica ao longo de sua existência;

2- sujeito sociológico: devido à crescente complexidade do mundo moderno há a abordagem de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente e sim desenvolvido pelas e nas relações sociais. O sujeito ainda possui uma essência interior, mas é formado e modificado pelos valores, sentidos e símbolos – a cultura – do e no mundo;

3 – sujeito pós-moderno: sua identidade está se tornando fragmentada, composto não de uma única, permanente e estável, e sim de várias identidades que, muitas vezes, são contraditórias entre si. “A identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p.12).

A identidade coesa e centrada do sujeito iluminista pode ser representada pela expressão ‘A=A’, como abordado por Lefebvre (1975), ao tratar da lógica formal. Em outras palavras, o sujeito é idêntico a si mesmo.

Já a identidade desenvolvida pelas relações sociais que caracterizaram o sujeito sociológico o colocou no mundo como os outros sujeitos, tendo na contradição o seu fundamento. Castells (1999) irá classificá-las como identidade legitimadora, de resistência e de projeto. A primeira foi introduzida pelas instituições dominadoras da sociedade com o intuito de expandir e legitimar as suas ações em relação aos sujeitos e a sociedade; a

segunda foi formada por sujeitos que se encontraram em situações desvalorizadas ou estigmatizadas pelas lógicas de dominação e desenvolveram meios resistência; e a última, foi aquela que os sujeitos utilizaram elementos culturais ao seu alcance para desenvolverem novas identidades com o intuito de redefinir a sua situação na sociedade, se possível, modificando a estrutura social. Para Castells as identidades de projeto formaram e formam sujeitos como um

[...] ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência. Neste caso, a construção da identidade consiste em um projeto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém expandindo-se no sentido de transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade (CASTELLS, 1999, p.26).

As diferentes vertentes do movimento feminista, o LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), o *hippie*, o *hip-hop*, etc. são alguns dos exemplos das identidades de projeto ou de movimentos socioculturais que emergiriam nas décadas de 1960 e 1970 e propuseram novas identidades, ao mesmo tempo em que questionaram a estrutura social vigente.

Esses movimentos socioculturais que se fundamentaram por sujeitos que compartilharam e desenvolveram projetos em comum possuíam como base a contestação de contradições sociais mais amplas ao indicarem certa coesão sociocultural de grupo. Mas, também, não podemos desconsiderar que a sua estrutura interna possuía diferentes tipos de identidades, pois há diferentes tipos de sujeitos e formações, por mais que partilhassem projetos em comum. O movimento feminista, por exemplo, foi composto de feministas liberais e feministas radicais. Ambas contestaram o patriarcalismo, mas com propostas muito diferentes (CASTELLS, 1999). Ainda podemos considerar, por exemplo, o movimento *hip-hop* que, mesmo questionando as desigualdades sociais e espaciais, reproduz, em alguns aspectos, as lógicas de consumo.

Com isso, se quando esses movimentos socioculturais emergiram já era difícil considerarmos as identidades como coesas e monolíticas, atualmente, é ainda mais complicado, pois

A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2005, p.13).

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'Eu' coeso e coerente, pois o 'Eu' é desenvolvido a partir de identidades contraditórias, que indicam diferentes direções, identidades híbridas.

AS IDENTIDADES E OS LUGARES

Para cada tipo de sujeito na história se indicou a construção de um tipo identidade do sujeito, o que nos permite indicar certo contexto de lugar, pois os sujeitos só podem ser o que são pela relação orgânica que eles desenvolvem com certo local no mundo.

O sujeito iluminista, imerso num mundo em que os locais não possuíam uma relação intensa entre si, num período de afirmação dos Estados absolutistas e o desenvolvimento das identidades nacionais, com decadência do Feudalismo e ascensão do Mercantilismo, nos remete a entender que eles possuíam identidades coesas e centradas na racionalidade do 'Eu'. Nesse sentido, os lugares também possuíam certa coesão identitária e eram considerados como herméticos.

Só possível falarmos em sujeito sociológico quando houve maior relação entre os diferentes lugares do mundo e o aprofundamento do processo de urbanização. A Primeira Revolução Industrial pode ser considerada um dos marcos que vão caracterizar essa nova identidade e os sujeitos, notadamente, pelas novas demandas sociais, organizações coletivas e o desenvolvimento de projetos em comum. Com isso, os lugares passaram a ser, cada vez mais, fundamentados pelas diferentes significações sociais e do modo de produção vigente, o capitalismo.

Já o sujeito pós-moderno é aquele de identidades híbridas e só podemos aborda-los após a emergência da globalização. Aqui tomamos as proposições de Massey (2000) para amparar o debate, principalmente, quando ela relaciona a discussão quanto a concepção de lugar na contemporaneidade considerando-o múltiplo. Múltiplo pela superação das distâncias devido ao aumento da velocidade dos deslocamentos dos sujeitos, as telecomunicações e a presença da cultura de massas em muitos locais pelo globo. Os sujeitos, cada vez mais, possuem a possibilidade de estarem e conhecerem novos locais.

Muitos dos que escrevem sobre a compressão do espaço-tempo enfatizam a insegurança e o impacto desordenado de seus efeitos, os sentimentos de vulnerabilidade que ela pode produzir. Alguns vão adiante e sustentam que, no meio de todo esse fluxo, as pessoas precisam desesperadamente de um pouco de paz e silêncio - e que um sentido forte de lugar, de localidade, pode ser um tipo de refúgio do tumulto (MASSEY, 2000, p.181).

Massey afirma que os lugares quando tratados, atualmente, por meio de uma identidade coesa, como refúgio, pode levar a certos tipos de radicalismos. Por outro lado, quando tratado apenas como um local isolado no mundo não é possível contemplar as desigualdades sociais e espaciais. Ela propõe, então, um conceito progressista de lugar em que devemos o considerar pela expressão da multiplicidade.

O que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, de movimentos e comunicações na mente, então, cada lugar pode ser visto como um ponto particular, único, dessa interseção. [...] Trata-se, na verdade, de um lugar de encontro. Assim, em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor,

pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais. [...] Isso, por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local (MASSEY, 2000, p.184).

Massey propõe ainda que devemos tratar o lugar como *locus* de encontro, uma interseção entre as dinâmicas globais e locais, uma localidade que expressa as redes de relações e entendimentos sociais. Atualmente, é muito difícil se referir ao lugar *per si* e como certa totalidade identitária hermética. Considera-lo assim seria o mesmo, só que em outro âmbito, afirmar que há uma coesão completa das significações desenvolvidas e que caracterizam os sujeitos. Tanto os lugares como os sujeitos são múltiplos e extrovertidos. Somente desse modo podemos considerar que há o *habitar* em sentido pleno, como proposto por Heidegger (2011), porque ao recairmos numa concepção de lugar cujas identidades são herméticas, o que é uma espécie de solipisismo, não há o lugar.

REDES, RIZOMAS E AS MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES

- As redes sociais virtuais e os rizomas

A globalização se caracteriza, dentre muitos fatores, pela maior inter-relação entre os sujeitos e entre os lugares, que acontecem de forma muito mais rápida que nos períodos anteriores, sobretudo devido ao desenvolvimento dos transportes e dos novos meios de telecomunicação. Quanto a este, ele propicia uma forma de relação praticamente simultânea entre os sujeitos e os locais por meio de sistemas técnicos como o de telefonia móvel celular e de internet. Com isso, os lugares, cada vez mais, passam a ser a expressão do múltiplo e do híbrido por sintetizarem contraditória e singularmente uma série de referências simbólicas e territoriais atinentes aos sujeitos que são múltiplos e híbridos.

Quando tratamos essa síntese contraditória e singular nos lugares pelas mídias sociais, que é um fenômeno possível devido ao desenvolvimento dos novos meios de telecomunicação, temos o que, a partir de Santaella (2008), entendemos como 'espaço intersticial'. Trata-se de um espaço social inteiramente novo, produto das possibilidades técnicas, mas também do uso cada vez mais intenso das novas tecnologias móveis com interfaces sociais. Segundo a autora,

Os espaços intersticiais referem-se às bordas entre espaços físicos e digitais, compondo espaços conectados, nos quais se rompe a distinção tradicional entre espaços físicos, de um lado, e digitais, de outro. Assim, um espaço intersticial ou híbrido ocorre quando não mais se precisa 'sair' do espaço físico para entrar em contato com ambientes digitais. Sendo assim, as bordas entre os espaços digitais e físicos tornam-se difusas e não mais completamente distinguíveis (SANTAELLA, 2008, p.21).

Santaella, sob outros termos, afirma que no atual período é difícil distinguir as recíprocas influências entre as dinâmicas concernentes aos espaços das relações mediadas

eletronicamente daqueles das relações materiais e objetivas, ou seja, respectivamente, entre as relações virtuais¹ e aquelas presenciais². Trata-se do desenvolvimento de uma sociabilidade de novo tipo, produto das possibilidades técnicas, mas também do uso, cada vez mais intenso, das novas tecnologias das comunicações que possibilitam as relações eletrônicas.

Por mais que possuímos certas ressalvas quanto a concepção de espaço intersticial desenvolvido por Santaella (2008), pois isso seria reiterar sob outros termos “a dicotomia sujeito e objeto (BERNARDES, 2016, p.217-219), há certa operacionalidade do conceito, pois ele possibilita o entendimento de alguns fenômenos modernos, como por exemplo, o estudo das mídias sociais e das redes sociais virtuais.

As mídias sociais congregam diversos recursos – textos, imagens, sons, vídeos – e permitem que os seus usuários sejam também produtores de conteúdo. Elas podem ser interativas e simultâneas, possibilitando desenvolvimento de redes sociais virtuais mediadas pelas internet, como Facebook, Twiter, Instagram, etc. Uma das principais diferenças para as mídias convencionais é justamente a interação que ela propicia entre os sujeitos e dos sujeitos com os lugares, não possuindo características estritamente passivas e sim interativas.

Pelas mídias sociais, as redes sociais virtuais podem aprofundar as influências do global no local, assim como inversamente, o que nos remete a buscar novos meios interpretativos para entender esses fenômenos de maior relação entre os sujeitos e destes com os lugares e entre os lugares. Para tanto, para melhor entendermos esse fenômeno tomamos uma proposição de Deleuze e Guattari (2000), a teoria dos rizomas.

- AS REDES E OS RIZOMAS: IMERGINDO EM ALGUNS ESTUDOS DE CASOS

A teoria dos rizomas emergiu como um interessante instrumental teórico-metodológico, pois estudos abordando grupos culturais e mídias sociais comparecem como um modo de reforçar as relações existentes entre os sujeitos.

A teoria do rizoma indica uma representação aberta para as relações e dinâmicas sociais. Considera-se as linhas e suas quebras, os agrupamentos e reagrupamentos, o que é conectável, e cada ‘bulbo’ como uma espécie de nó, que pode representar os sujeitos e/ou objetos pelas suas multiplicidades de relações e sua respectiva importância em determinada rede. Cada sujeito pode ser considerado como um nó ou bulbo, tanto para as relações mediadas eletronicamente ou não. As relações entre sujeitos, que em seus diferentes modos de sociabilidade objetivam suas ações no meio de sua existência, pode ser

1 Utilizamos o termo virtual, tradução do latim *virtualis*, de *virtus*, que significa excelência, eficácia, potência, capacidade para. Com isso, queremos indicar que há uma essência que pode se realizar enquanto imanência, por isso, em potência. Em outras palavras, a objetividade das representações virtuais se realiza somente pela materialidade dos sistemas técnicos que a fundamentam, mas quando nos referimos as relações sociais mediadas pela Internet, a virtualidade comparece como uma potência que pode ou não se realizar de forma imanente, materialmente, em presença.

2 Utilizamos o termo presencial se referindo a presença, tradução da palavra latina *praesentia* e se apoiando na tradução para o português do termo *Dasein* utilizado por Heidegger (2011). Assim, “o ‘pré’ remete ao movimento de uma aproximação antecipadora e antecipação aproximadora, constitutivo da dinâmica de ser, através das localizações” (HEIDEGGER, 2011, p.561 apud SCHUBACK). Contudo, “presença não é sinônimo nem de homem, nem de ser humano, nem de humanidade, embora conserve uma relação estrutural. Evoca o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humano” (HEIDEGGER, 2011, p.561 apud SCHUBACK). Em outras palavras, presença indica a facticidade do ser que é o homem.

interpretado sob a forma de rizomas. Essa concepção dá conta, num mesmo movimento, da relacionalidade das relações e de sua forma, tanto para as relações virtuais como para aquelas presenciais e suas recíprocas influências.

O primeiro estudo³ foi realizado entre os anos de 2012 e 2013 na cidade de Presidente Prudente, SP, em três bares, para o entendimento acerca das dinâmicas de diversão noturna na cidade, dentre eles, um era destinado ao público homossexual. O segundo⁴ estudou em 2014 o movimento *Hip-hop* na cidade de Macaé, e no ano subsequente na cidade de Campos dos Goytacazes, ambas no Estado do Rio de Janeiro. O terceiro estudo⁵ se debruça na formação de redes e rizomas juvenis de diversão e consumo na cidade de Campos dos Goytacazes, de 2014 a 2016.

OS HOMOSSEXUAIS EM PRESIDENTE PRUDENTE, SP

A pesquisa se ateve a interpretação e ao entendimento das dinâmicas de diversão noturna na cidade Presidente Prudente, destacadamente, aquele destinado ao público homossexual. Foi desenvolvida em uma área próxima ao centro da cidade que, concomitantemente, exerce certa centralidade para as atividades de diversão noturna. Tratou-se de uma área com características de uma ‘zona de intermediação cultural’ e de ‘espaços de proximidade relacional’, pois concentravam lugares de diversão noturna definidos pelas convivências tanto homoafetivas quanto heteroafetivas.

Na cidade de Presidente Prudente, durante muito tempo, os bares e boates LGBTTT localizavam-se na periferia da cidade, distantes das zonas tradicionais de diversão noturna. Apresentavam-se como lugares de convivência que pretendiam proporcionar, ao mesmo tempo, a liberdade de expressão de uma sexualidade marginal e também a menor visibilidade possível, pois boa parte dos lugares da cidade são determinados por culturas heteronormativas. Embora festas, atividades e encontros destinados aos grupos homossexuais fossem realizados há tempos na cidade de Presidente Prudente, mesmo que de forma incipiente, foi só a partir de meados do ano de 2012 que ocorreu a evidência dessa expressão cultural, por meio da instalação e da consolidação do Butiquim Café Bar, um bar direcionado ao público homossexual, hoje fechado.

Contudo, temos que considerar que as relações homossexuais na cidade de Presidente Prudente não se restringiam ao Butiquim Café Bar, pois mesmo que fossem mais ‘contidas’ em lugares marcadamente heteronormativos, as dinâmicas dos homossexuais foram, também, objetivadas em determinadas lanchonetes e boates da cidade e da região. Isso se

3 Estudo referente ao estágio de pós-doutoramento, intitulado *Centralidades urbanas e relações de interface: desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa*, fomentado pela PROPE (Pro-Reitoria de Pesquisa da UNESP) nos anos de 2012 e 2013 e vinculado ao Projeto Temático FAPESP *Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo*. Supervisão da Profa. Dra. Maria Encarnação Beltrão Sposito e do Prof. Dr. Nécio Turra Neto.

4 Estudo referente a bolsa nível Iniciação Científica, intitulado *Mexer os quadris, para mexer a mente: centralidade urbana de lazer e a territorialidade do movimento Hip-hop em Macaé*, fomentado pela FAPERJ de 2014 a 2016, desenvolvido pela estudante de Graduação em Geografia Thais Dias de Souza.

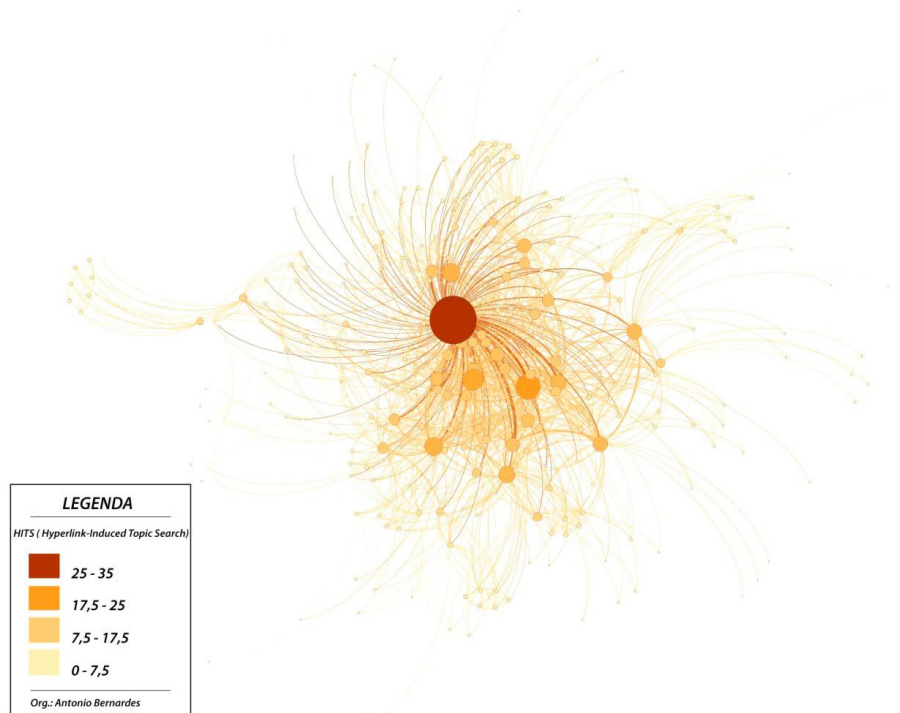
5 Estudo referente a bolsa nível Iniciação Científica, intitulado *As redes de consumo e seus rizomas: comércio e vida noturna em Campos dos Goytacazes*, fomentado pela FAPERJ de 2014 a 2016, desenvolvido pela estudante de Graduação em Geografia Fernanda de Faria Viana Nogueira.

deve, principalmente, por se tratar de uma cidade média em que as práticas de consumo do e no lugar são muito mais próximas em relação ao modo como ocorre numa metrópole, seja porque há menos oferta de lugares de diversão noturna ou mesmo pela maior proximidade entre sujeitos de diferentes características socioculturais. Assim, essas expressões ficaram marginais em lugares marcadamente heteronormativos e, por sua pouca evidência, não colocavam em questão as especificidades sociais, culturais e de sexualidade.

Antes mesmo da consolidação das redes sociais virtuais os sujeitos homossexuais já utilizavam outras formas de comunicação para propiciar o encontro entre eles, o que indica uma espécie de rede. No caso da cidade de Presidente Prudente, constatamos que a divulgação de certos eventos se fazia em magazines, lojas de vestuário e até mesmo em restaurantes cujos proprietários e/ou parte de sua clientela são homossexuais. Todavia, se antes a divulgação era feita estritamente dentro de um circuito, em estabelecimentos comerciais específicos, atualmente, acontece também pelas redes sociais virtuais, com destaque para o Facebook.

A divulgação de eventos, festas, grupo de discussões e promoção da ideologia homossexual pode ser percebida com maior acuidade quando realizamos uma pesquisa sistemática na *Fan page* do Butiquim Café Bar (Fig. 1). Utilizamos o algoritmo HITS (*Hyperlink-Induced Topic Search*) para estabelecer a forma de agrupamento que analisa as conexões e classifica cada nó como uma espécie de bulbo rizomático. Em outras palavras, o algoritmo HITS mensura a interação e a respectiva importância de cada nó na rede (MCSWEENEY, 2014). Todavia, pela Figura 1 sobressaíram também as intensas relações que alguns sujeitos homossexuais mantinham entre si e a polaridade que exerciam na troca de mensagens, *likes* e compartilhamentos pelo Facebook. Tratava-se de uma rede de contatos que, embora não implique necessariamente na relação presencial, traz implícito o reconhecimento entre os comuns pela manipulação de códigos culturais influenciando os demais sujeitos da rede de onde se dirigir na noite (TURRA NETO; BERNARDES, 2013). Como indicamos em outro texto (COSTA; BERNARDES, 2014), as redes sociais virtuais podem reforçar as áreas que exercem centralidade de diversão noturna em certa cidade. Dos três bares que estudamos na cidade de Presidente Prudente, o Butiquim Café Bar se destacava, seja pela reprodução da cultura homossexual numa sociedade de padrões marcadamente heteronormativos, seja pelo estabelecimento de relações socialmente herméticas ou, ainda, pela promoção de eventos, festas, ideologias e, também, pela publicidade divulgada nas redes sociais virtuais que eram direcionadas ao seu público. Nesse sentido, territorializar é um processo de marcar a presença de um determinado grupo na cidade como forma de apropriação do espaço urbano, principalmente, quando a alteridade fomenta não somente a aceitação da diferença, mas também o reconhecimento de seus membros como sujeitos.

Figura 1: representação da rede social virtual obtida por meio de dados da *Fan page* do Butiquim Café Bar, Presidente Prudente - SP.



Grafo 1: Rede de internautas do Butiquim Café Bar por quantidade e qualidade de conexões, Presidente Prudente, 2013

Fonte: BERNARDES, 2016

Na realidade nos deparamos com múltiplas territorialidades, porque já estava consolidada uma territorialidade marcadamente heteronormativa na área de diversão noturna estudada, assim como, aquelas dos comerciantes, entidades públicas etc. quando os sujeitos homossexuais as tensionaram. Tanto, que esses tensionamentos foram um dos motivos que causaram o fechamento do Butiquim Café Bar, mas isso, não incorreu na 'morte' do grupo – rizoma. O seu rompimento levou a readequação das relações por meio um dos sujeitos – nós ou bulbos. Outros lugares passaram exercer a centralidade destinada diversão noturna para esses sujeitos. Outros sujeitos tomaram a dianteira e centralizaram os rizomas e houve uma complexificação territorial das relações.

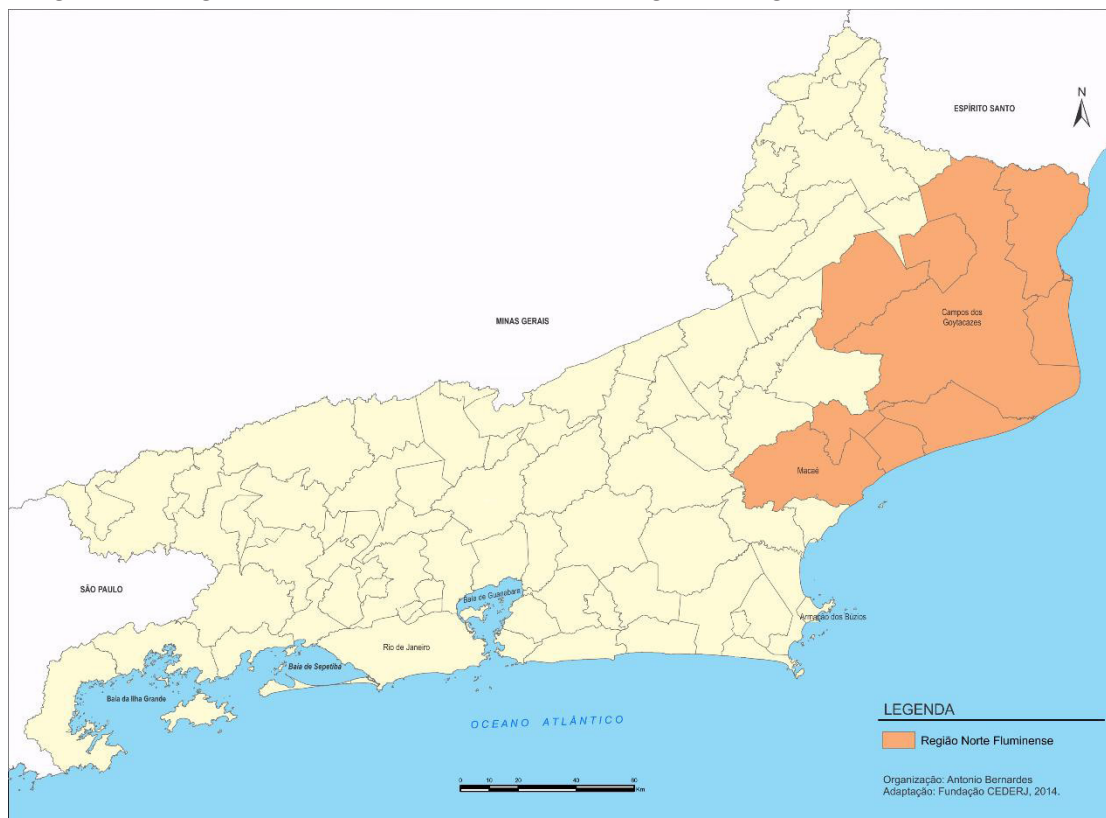
O MOVIMENTO HIP-HOP NA REGIÃO NORTE FLUMINENSE

Na cidade de Macaé os sujeitos vinculados ao movimento *hip-hop* se apropriavam de uma área com significativa centralidade urbana de comércio e diversão para a realização de seus encontros. Em confrontos com os comerciantes, empresários e políticos locais, esse grupo foi sendo deslocado, a ponto de terem que realizar seus encontros num parque distante do centro da cidade. A princípio, os confrontos desarticularam o grupo e houve uma reorganização do rizoma. Estabeleceu-se novos nós, houve ligações e negociações

com agentes públicos – novos nós – para a criação de formas alternativas de desenvolver o movimento social. Isso os levaram a se apropriar novamente de uma área no centro tradicional da cidade. Nesse interstício, marcados por conflitos e deslocamentos do grupo, este se articulou por meio das redes sociais virtuais e, atualmente, para veiculação de seus encontros, divulgação de ideais, assim como simbologias e hábitos.

A relação entre coletivos de *hip-hop* das cidades de Macaé e Campos dos Goytacazes (Fig. 2) ocorreu, especificamente, pelo Facebook. Mesmo quando os sujeitos do movimento *hip-hop* não pudessem comparecer a eventos na outra cidade, poderiam acompanhar através das mídias sociais o que estava acontecendo, graças à disponibilidade na internet e a utilização de *smartphones*. Um fato curioso dessa relação dos movimentos de diferentes cidades no Norte Fluminense foi que, enquanto acontecia um evento vinculado ao movimento *hip-hop* em Macaé, grafiteiros campistas que, por algum motivo não puderam estar presentes no evento, saíram pela cidade de Campos dos Goytacazes e grafitaram muros pela área central, homenageando as manifestações artísticas e festivas de Macaé e compartilhando esses trabalhos nas mídias sociais (Fig. 3). Isso reafirma a articulação dos coletivos da Região Norte Fluminense, onde as mídias sociais e as redes sociais virtuais ampliaram e facilitaram a interação de coletivos de diferentes cidades. Os mesmos destacam a importância da Internet para a promoção de seus eventos e relatam que através do Facebook conseguem comunicar-se com pessoas de outras localidades, “trocarem ideais”, músicas, e ficarem informados de eventos da Região para que possam participar.

Figura 2: cartograma de localização da área de abrangência: Região Norte Fluminense - RJ.



Mapa 1: Estado do Rio de Janeiro e a região norte fluminense

Figura 3: grafite na área central de Campos de Goytacazes, RJ.



Fonte: SOUZA (2017)

Diferentemente do que ocorreu com os coletivos em Macaé, em Campos dos Goytacazes, não houve confrontos com comerciantes, empresários e políticos locais. Os encontros desse coletivo sempre aconteceram em uma área central da cidade, como em Praças e Jardins. Porém, os eventos de fato se consolidaram em uma quadra poliesportiva localizada embaixo de um viaduto no Centro. O Youtube, um *site* de compartilhamento de vídeos, cumpre um papel importante, pois os sujeitos ligados ao *hip-hop* campista o utilizam para compartilhar trechos das batalhas de MCs e de músicas autorais.

Desse modo, percebemos que ambos os movimentos usam as redes sociais virtuais como ferramenta de promoção de ideias, de festas e eventos ligados ao movimento *hip-hop*. Produzem territorialidade no espaço urbano apoiado, também, pelas redes sociais virtuais. No espaço urbano, ambos movimentos utilizam de espaços públicos em área central da cidade para realização de seus eventos, o que nos faz pensar na relação do território e da rede, que para Haesbaert (2004) não são dicotômicos - a rede pode ser um elemento que compõe o território. Nesse viés, seria pensar em uma sociedade em rede que promove novas territorializações.

Partindo desse pressuposto, o território abrolha como um movimento que se repete e se territorializa, que “significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento” (HAESBAERT, 2004, p.280).

A rede possui vetores territorializadores e desterritorializadores que de forma alguma deixam nulo o território:

Para nossos propósitos, a característica mais importante das redes é seu efeito concomitantemente territorializador e desterritorializador, o que faz com que os fluxos que

por elas circulam tenham um efeito que pode ser ora de sustentação, mais ‘interno’ ou construtor de territórios, ora de desestruturação, mais ‘externo’ ou desarticulador de territórios (HAESBAERT, 2004, p.294).

Sendo assim, a territorialização não ocorre somente por meio das relações presenciais dos sujeitos, mas também existe a territorialidade das redes que através das relações mediadas eletronicamente faz com que o espaço urbano seja apropriado simbolicamente.

O desenvolvimento e articulação dessas territorialidades através das redes é uma das formas de expressão daquilo que Haesbaert define como território-rede, que traz a possibilidade de territorialização e reterritorialização no espaço. Ao mesmo tempo esse movimento produz uma multiterritorialidade, que “é, assim, antes de tudo, a forma dominante, contemporânea ou ‘pós-moderna’, da reterritorialização, a que muitos autores, equivocadamente, denominam desterritorialização” (HAESBAERT, 2004, p. 338).

Podemos afirmar também que “esta reterritorialização complexa, em rede e com fortes conotações rizomáticas, ou seja, não hierárquicas, é que damos o nome de múltiplas territorialidades” (HAESBAERT, 2004, p. 343), ou seja:

[...] implica assim a possibilidade de acessar ou conectar, num mesmo local e ao mesmo tempo, diversos territórios, o que pode se dar tanto através de uma ‘mobilidade concreta’, no sentido de um deslocamento físico, quanto ‘virtual’, no sentido de acionar diferentes territorialidades mesmo sem deslocamento físico, como nas novas experiências espaço-temporais proporcionadas através do ciberespaço (HAESBAERT, 2004, p.343-44).

Portanto, podemos afirmar que as novas formas de territorialidade nos revelam a importância das relações dinâmicas dos internautas ligados ao movimento *hip-hop* em Macaé e Campos dos Goytacazes para o reforço dos modos de apropriação do espaço urbano. O *hip-hop* é rizomático e molecular, isso é, brota em qualquer lugar e não existe uma estrutura que o comanda (RODRIGUES; SOUZA, 2004; GUATTARI, 1987 apud OLIVEIRA, 2012) seja em festas, batalhas de MCs ou eventos mais voltados para a conscientização dos jovens, a territorialidade *hip-hop* é produzida.

REDES E RIZOMAS DA DIVERSÃO NOTURNA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ

Em consonância, no terceiro caso de estudo, os grupos de sujeitos se articulavam em frequentes movimentos de expansão em suas multiplicidades, de conexão não hierarquizada – rizomática – e, por conseguinte, de territorialização. Nessa análise, priorizou-se o entendimento das territorializações em função do consumo da diversão noturna e, também, de vestuário, na cidade de Campos dos Goytacazes.

Partimos do pressuposto de que o consumo de roupas, de certos tipos de marcas e de diferentes tipos de lojas, está em consonância com o consumo de certos lugares de diversão noturna, caracterizando certo grupo juvenil. O que se frisa é como esse grupo de sujeitos,

especificamente os jovens, devido a sua maior conexão com a diversão noturna, ao se articularem em redes podem definir grupos que se diferenciam pelo seu poder de compra, por consequência, de classes socioeconômicas, em que uma de suas faces está atrelada ao consumo de marcas de vestuário e de lugares na cidade e, também, do lugar onde residem.

Foi tomado como base para o estudo empírico quatro lugares de diversão noturna na cidade de Campos dos Goytacazes, que foram escolhidos pela centralidade que exercem: a boate 'Excess Club', o 'Underground Pub', a 'Boate Cabaret' e o 'Oca Roots Pub'. Foi possível identificar as diferentes redes sociais formadas a partir das dinâmicas de consumo estabelecidas em cada lugar e entender como, a partir da formação dessas redes, múltiplos territórios poderiam ser formados. Em verdade se trata mais de rizomas do que redes, porque eles formam-se com o intuito não de delimitar os sujeitos às estruturas já criadas, pelo contrário, são uma forma de liberdade, que os sujeitos têm de sempre se interligar, se conectar e se expandir de forma infinita, deixando com que cada rizoma desenvolva sua dinâmica própria, que pode se assemelhar ou não aos outros. Buscou-se, portanto, ao invés de priorizar a compreensão da ordem, de estruturas, perceber de forma mais profunda suas conexões.

É diante dessa necessidade das redes serem infinitas e múltiplas que emergiu a teoria dos rizomas. Os rizomas se caracterizam por suas linhas de segmentariedade, que irão se estabelecer a partir dessa necessidade da multiplicidade, nesse caso, das redes. Um rizoma é uma abstração. Ao mesmo tempo em que torna possível a conexão entre um grupo, faz com que também haja uma possível desconexão e reconexão, conferindo a característica de múltiplo. Em um mesmo lugar, em uma mesma casa de diversão noturna, vários territórios podem ser definidos, pois em um mesmo lugar teremos a formação de vários pequenos grupos que possuem suas particularidades e que devem ser consideradas, partilhando o mesmo lugar para exercer sua territorialidade, desenvolvendo assim múltiplos territórios.

Na perspectiva dessa análise o conceito de territorialidade possui um apelo ontológico, sendo concebido mais abstratamente como imaterialidade, refletindo uma identidade – e uma territorialidade que é concebida de acordo com o lugar consumido – e com as interações sociais que se sucedem a partir desse consumo.

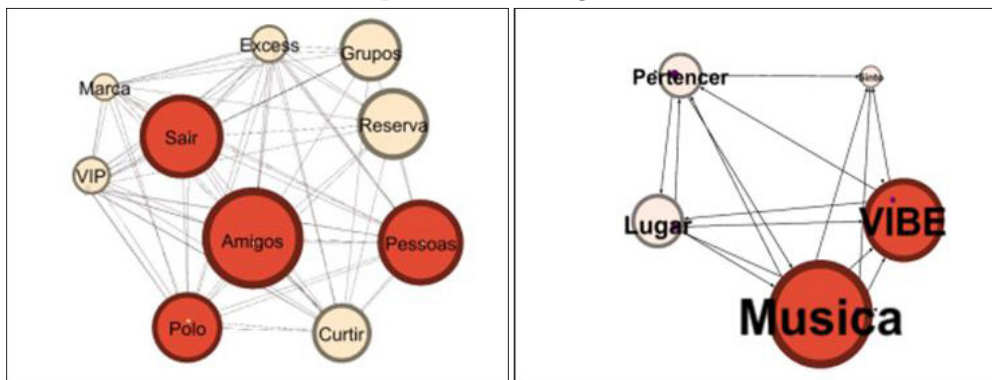
Território envolveria assim, necessariamente, um espaço apropriado por um grupo, como forma de se constituir e de se manter como um grupo em relação a outros grupos. Envolveria o estabelecimento de uma relação de inclusão e de exclusão e de comunicação dos limites por meio de algum sinal reconhecível pelos grupos que se colocam no jogo de negociação por espaço (TURRA NETO, 2004, p.280).

Nesse sentido, abordamos a perspectiva apontada por Haesbaert (2007) em sua teoria sobre a multiterritorialidade, em que ele a inter-relaciona com a abstração, com o significado que podemos dar a certo território, que nessa perspectiva do consumo, passa a se tornar também, um objeto com certo significado para cada grupo social diferente. É a partir desse significado atribuído aos objetos que podemos compreender o motivo de estarem relacionados ao consumo de certo local, fazendo com que os territórios e a multiterritorialidade se constituam a partir do consumo da diversão noturna.

Com isso, identificamos quatro ‘macro rizomas’ que, segmentados conforme a particularidade de conexões entre os sujeitos, ao mesmo tempo não deixam de estar conectados ao rizoma com características mais universais – a partir do consumo, que se diferenciavam em diversos aspectos, sendo os principais deles: apego ao lugar, aos *shows* e atrações oferecidas, gasto médio por noite em cada lugar, preferência de roupas e/ou marcas e o bairro onde residem. Dos quatro rizomas identificados debateremos somente os dois casos contrastantes, a saber a boate “Excess Club” e o ‘Underground Pub’.

Na Fig. 4 podemos identificar as palavras que mais compareceram nas entrevistas realizadas na Boate ‘Excess Club’, onde o discurso dos sujeitos se relaciona com marcas de roupas específicas, geralmente com um custo mais elevado, com um discurso que indica a diferenciação social, como a áreas VIP. Isso revela um padrão de consumo mais alto, não só associado a um valor mais alto que estão dispostos a gastar na noite, mas também, pelo fluxo dos sujeitos que se faz mais intenso em bairros com o valor de compra e/ou aluguel mais alto da cidade, como pode ser visualizado no mapa da Fig. 5.

Figura 4 – comparação entre as redes das principais palavras citadas em entrevistas na boate ‘Excess Club’ (esquerda) e ‘Underground Pub’ (direita).



Fonte: NOGUEIRA, 2016.

Figura 5 – Fluxo de público na boate ‘Excess Club’.



Fonte: NOGUEIRA, 2016.

Já as dinâmicas analisadas no “Underground Pub” contrastam com a anterior. A partir das entrevistas e questionários aplicados, constatou-se não só uma abstenção de um interesse relacionado às marcas específicas de roupas, como também uma rejeição a uma padronização ou estipulação de vestimentas para a formação de um grupo (Fig. 4). Os sujeitos que frequentam e fazem esses rizomas, mostram-se muito mais interessados no que vai ser oferecido no lugar, como a atração da noite, os tipos de serviços, o tema da festa, dentre outros. Além disso, pela Figura 6 podemos constatar que fluxo de público advém de bairros com um menos favorecidos economicamente e aqueles considerados como ‘bairros universitários’. Há um grande peso a influência dos amigos de onde se ir na noite, pois se trata de uma boate majoritariamente, frequentada por estudantes universitários.

Figura 6 – Fluxo de público na boate ‘Unddderground Pub’.



Fonte: NOGUEIRA, 2016.

A partir da análise e identificação dos rizomas das casas de diversão noturna estudadas, pode-se notar que elas se constituem a partir de motivações e características diferentes, a partir de atores, isto é, sujeitos e grupos distintos. Essa distinção varia não tão somente a partir do consumo da diversão noturna, mas também parte da identificação e/ou aceitação dos sujeitos nos grupos está vinculado a um certo tipo de consumo de marcas de roupas, ou melhor, a uma preocupação quanto a esse tipo de consumo, a classe econômica que os sujeitos pertencem que, por consequência, indicam o lugar onde residem. A partir dessa amálgama há, notadamente, a constituição de identidades medidas pelo consumo e que estão atreladas fortemente as características socioeconômicas dos sujeitos.

Nesses estudos quanto aos grupos juvenis que consomem a diversão noturna em boates e suas respectivas identidades mediadas pelo consumo de marcas de roupas, notamos que em ambos os casos eles utilizam as redes sociais virtuais muito mais no intuito de se saber onde ir na noite e de se auto promover do que para divulgar eventos ou ideologias atinentes ao grupo, como no caso dos homossexuais e dos sujeitos do movimento *hip-hop*.

Com isso, podemos afirmar que a identidade desses jovens está muito mais mediada pelas atividades de consumo do que aqueles dos estudos de caso anteriores.

PALAVRAS FINAIS: AS MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES EM DEBATE

Nos dois primeiros estudos de caso mencionados, observamos que cada um dos grupos, mesmo possuindo ideologias específicas, se caracteriza pela apropriação de uma área que exerce significativa centralidade de diversão noturna. Eles se tratavam, majoritariamente, de sujeitos socialmente marginalizados e isso possibilitou a eles a exposição de seus hábitos, seus códigos culturais e sua dinâmica interna, ou seja, houve a reprodução de um conjunto simbólico específico de cada um dos grupos. Marcavam presença na cidade como uma forma de apropriação do espaço urbano e, principalmente, pela alteridade, enquanto tentavam fomentar certa aceitação da diferença e de reconhecimento social, também obtiveram posições contrárias as suas pretensões.

Já no terceiro estudo de caso, destaca-se principalmente da formação de territorialidades a partir de aspectos que variam não tão somente com o consumo do lugar de diversão noturna, mas vai além, atinge e abrange também o consumo dos símbolos – nestes casos atribuídos como marcas, ou mesmo a ausência delas – ressaltando inclusive, a distinção da escolha dos lugares a partir do poder aquisitivo de cada um dos grupos de sujeitos estudados, fazendo assim, com que as redes e, por conseguinte, os rizomas e as territorialidades façam-se múltiplas em diversos aspectos.

Assim, podemos afirmar que nos estudos de caso abordados se sobressaíram os aspectos simbólicos, os hábitos e costumes de cada um dos respectivos grupos socioculturais como um dos liames para o desenvolvimento da identidade dos sujeitos. Levando em conta somente essa coesão identitária nos aproximamos da identidade de projeto como fora mencionado por Castells (1999). Contudo, sem dúvida que internamente a cada grupo não há uma identidade coesa e sim, múltiplas identidades. Tanto aquelas atinentes a cada grupo por derivações internas como aquelas desenvolvidas pela relação de alteridade com outras referências socioculturais. Na verdade toda e qualquer identidade só pode ser formada na contradição entre aquilo que ela é e pela alteridade com outras pelos sujeitos. Com isso, nos aproximaríamos novamente da proposta de identidade híbrida de Hall (2005).

As identidades híbridas são desenvolvidas num contexto contemporâneo em que há maior relação entre os sujeitos e desses com os lugares, como Massey (2000) indica quanto as influências de diferentes escalas geográficas no lugar. O lugar passa a ser entendido como *locus* singular que sintetiza as múltiplas referências simbólicas, identitárias e territoriais interpretadas como rizomas.

A territorialidade surgiu aqui como um conceito que permite interpretar as referências simbólicas, identitárias e de apropriação dos diferentes locais empreendidos pelos grupos culturais estudados de forma rizomática. Assim, entendemos o território a partir do proposto por Haesbaert (2007), ou seja, “[...] a partir da imbricação de múltiplas

relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural” (HAESBAERT, 2007, p.27).

Percebemos que os lugares territorializados tanto pelo movimento *hip-hop* como pelo grupo homossexual, de modo geral, são apropriados e territorializados por outros agentes sociais, o que nos remete as relações de poder. Já para o grupo juvenil que atenta estritamente a diversão noturna e ao consumo possui uma territorialização mediada, principalmente, pelo consumo, embora isso não descarte certa coesão identitária entre eles.

A partir dessas considerações podemos entender que esses grupos socioculturais não só indicam uma multiterritorialidade, mas também nos mostra que existem múltiplas territorialidades, porque um mesmo lugar apropriado e territorializado como pertencente a um determinado grupo pode também nos denotar outras territorialidades desenvolvidas por outros agentes sociais pela discussão das relações de poder em diversas escalas, variando entre as simbólicas até as econômicas e políticas.

As redes sociais virtuais nos estudos de caso tratados compõem como uma segmentação dos rizomas e permanece conectada à rede social presencial que é desenvolvida pelos sujeitos nos lugares de que se apropriam e/ou consomem. Em outras palavras, não há de um lado as redes sociais virtuais e de outro as redes sociais presenciais. Há rizomas que se relacionam em diferentes direções e se segmentam de acordo com os sujeitos, nós que agregam ou dispersam conexões.

Nos estudos dos homossexuais na cidade de Presidente Prudente e do movimento *hip-hop* em Campos dos Goytacazes e Macaé, as redes sociais virtuais são utilizadas não só para divulgar eventos e encontros, mas sobretudo para divulgar ideologias inerentes aos grupos. Já para o estudo quanto aos grupos juvenis que consomem a diversão noturna em boates em Campos dos Goytacazes, notamos que aqueles que possuem maior poder aquisitivo dentre os grupos pesquisados, utilizam as redes sociais virtuais muito mais no intuito de se saber onde ir na noite e de se auto-promover nas redes sociais virtuais, pois a identidade de grupo está muito mais mediada pelas atividades de consumo. Por outro lado, os sujeitos da Boate ‘Underground Pub’ se aproximam muito mais dos padrões de consumo mediados por aspectos culturais, como no caso dos homossexuais e do movimento *hip-hop*, mas utilizam as redes sociais virtuais de modo mais próximo daqueles da Boate ‘Excess Club’, exceto que há um grande peso na influência dos amigos de onde se ir na noite.

Desse modo, podemos considerar que as redes sociais virtuais também são a expressão objetiva de diferentes territorialidades na medida em que os sujeitos de determinados grupos a corroboram, ao mesmo tempo em que reforçam ou desenvolvem novas territorialidades dos sujeitos e de grupos presencialmente. Isso incorre em considerarmos que as redes sociais virtuais podem compor a multiplicidade dos lugares como mais uma territorialidade a ser considerada na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. Lisboa: Presença, 1970.
- BERNARDES, Antonio. Relações de interface, redes e cidades médias: o caso de Presidente Prudente, Brasil. In: CASTRO, Fátima Velez de; FERNANDES, João Luís; GAMA, Rui. (Org.). **Redes, capital humano e geografias da competitividade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. v. 1, p. 205-235.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COSTA; Benhur P. da; BERNARDES, Antonio. Microterritorializações homoafetivas na cidade de Presidente Prudente-SP: o lazer noturno e as relações de interface. **Revista Cidades**, v. 10, n. 17, p. 30-60, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **Geographia**, v.9, n.17, p. 19-46, 2007.
- HALL, Stuart. **Identidade e cultura na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.
- LINDÓN, Alicia. La construcción socioespacial de la ciudad: el sujeto cuerpo y el sujeto sentimiento. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**. v. 1, n. 1, p. 6-20, 2009.
- MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio (org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.
- MCSWEENEY, Patrick. J. **Gephi Network Statistics: Google Summer of Code 2009 Project Proposal**. Disponível em: < <http://gephi.org/google-soc/gephi-netalgo.pdf> > Acessado em: 28 de maio de 2014.
- NOGUEIRA, Fernanda. F. V. **As redes de consumo e seus rizomas: comércio e vida noturna em Campos dos Goytacazes- RJ**. 2016. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes - RJ.
- OLIVEIRA, A. de; Juventude e territorialidades urbanas: uma análise do *hip hop* no Rio de Janeiro. **Revista de Geografia - PPGEO**, v. 2, n. 1, p.1-8, 2012.
- SANTAELLA, Lúcia. A ecologia pluralista das mídias locativas. **Revista FAMECOS**, n. 37, p. 20-24, 2008.
- SOUZA, Thais. D. **Mexer os quadris, para mexer a mente: centralidade urbana de lazer e a territorialidade do movimento Hip-hop em Macaé e Campos dos Goytacazes**. 2017. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes - RJ.
- TURRA NETO, Nécio; BERNARDES, Antonio. Relações de interface e centralidade de diversão noturno em Presidente Prudente - São Paulo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 13, Rio de Janeiro, 2013.
- TURRA NETO, Nécio. **Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.